

## HISTÓRIA E CULTURA: O CONTEMPORÂNEO DA POLÍTICA

Entrevistadores: Serioja Cordeiro Mariano<sup>1</sup> e Raimundo Barroso Cordeiro Junior<sup>2</sup>

Desde cedo interessado pela história, o professor Rodrigo Patto Sá Motta somente ingressou no curso de graduação de História, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, após breve passagem pelo curso de bacharelado em Administração. Durante o período de graduação exerceu a profissão de bancário, sem cogitar a possibilidade de se encaminhar para a docência. Enquanto cumpria a formação em História foi bolsista do Arquivo Público Mineiro, monitor e bolsista de Iniciação Científica. Sua experiência de militante de esquerda encontrou nas disciplinas de história a possibilidade de pensar criticamente a realidade social.

Graduou-se em História em 1990, tendo vivido as dinâmicas políticas e intelectuais da década anterior: o fim da ditadura; a transição democrática; surgimento de novos sujeitos políticos, greves de trabalhadores e, no mundo acadêmico, o movimento estudantil; as polêmicas e disputas entre o marxismo e a Nova História. Ainda na UFMG, fez o mestrado com a dissertação em história política intitulada “Partido e Sociedade. a trajetória do MDB” (1993), seguindo os paradigmas clássicos da política em confronto com a História Cultural e a História Social. Fez doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo, com a tese “Em Guarda Contra o Perigo Vermelho”; o anticomunismo no Brasil (1917-1964)” (2000), aproximando-se das abordagens e dos conceitos da Nova História Política. Realizou estudos de pós-doutorado e atuou como professor-pesquisador visitante na Universidade de Maryland (2006-2007) e como Professor visitante na Universidad de Santiago de Chile (2009).

Tendo passado pelo ensino médio e pela Universidade Federal de Ouro Preto, atualmente é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do CNPq. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República e História Contemporânea. Atua principalmente no campo da História Política, pesquisando tanto temas da vertente clássica (partidos, instituições) quanto adotando abordagens que dialogam com a "nova história" (representações, iconografia, cultura política). Suas pesquisas recentes concentram-se em questões relacionadas ao golpe de 1964 e ao regime militar, envolvendo temas como repressão política (DOPS, ASI), anticomunismo, política universitária, memória e atuação da esquerda.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Desenvolveu, entre agosto e dezembro de 2010, Estágio Pós-Doutoral junto ao PPGH-UFMG sob supervisão do Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta, com financiamento de uma bolsa Capes PROCAD-NF. Professora adjunta do Departamento de História e Docente Permanente do PPGH-UFPB, atualmente é Vice Coordenadora do PPGH-UFPB (biênio 2011/ 2013). Líder do Grupo de Pesquisa *Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista* (PPGH-UFPB/ Diretorio CNPq).

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da área de Teoria e História da Historiografia do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. E-Mail: <barrosojunior@yahoo.com.br>.

Além de diversos artigos, publicou os livros *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros* (2. ed. ampliada; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008); *Jango e o golpe de 1964 na caricatura* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006); *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil* (São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002); *Partido e Sociedade: a trajetória do MDB* (Ouro Preto: UFOP, 1997); e a coletânea *Culturas Políticas na História: Novos Estudos* (Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009).

Em parceria com outros pesquisadores, também organizou as coletâneas *A Segunda Grande Guerra: do nazi-fascismo à guerra fria*, com Luiz Arnaut (9. ed. São Paulo: Atual, 2005) e *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*, com Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis (Bauru: EDUSC, 2004).

O professor Rodrigo Patto é o entrevistado de *Sæculum*.

Os Entrevistadores.

**Sæculum:** Professor Rodrigo como se deu sua escolha pela formação em História?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** A minha trajetória na direção do curso de História foi sinuosa. No Colégio, História sempre foi para mim a disciplina mais interessante. Os únicos livros didáticos que eu tinha vontade de ler por conta própria eram os de História, muito embora na minha época escolar eles não fossem de grande qualidade. Eu nasci em 1966, portanto, frequentei a escola na vigência do regime militar, quando certos temas eram interditos, e muitos dos livros não superavam o factualismo mais elementar. Muitos dos professores que eu tive também não eram estimulantes, ensinavam à base de “decoreba” e suas aulas eram enfadonhas, sem maior criatividade ou propostas de questionamento da realidade. Mesmo assim, eu sentia um fascínio muito grande pela História. Fui ter professores mais interessantes somente no segundo grau, quando me ensinaram o conceito de mais-valia, em versão simplificada, mas, ainda assim, foi um choque muito positivo, a percepção de que nossa realidade social poderia ser criticada. Apesar da atração pela disciplina, na escola nunca me passou pela cabeça a ideia de tornar-me Historiador. Na verdade, não me atraía a ideia de ser professor, e isso tornava a opção por História complicada, para não falar no baixo *status* profissional. Terminava o segundo grau sem saber que rumo tomar, quando apareceu na minha escola um psicólogo fazendo testes vocacionais. Feito o teste, o psicólogo fez um elenco de sugestões de carreiras supostamente adequadas a meu perfil, em ordem de prioridade: Administração, Economia e História. Como eu realmente não sabia o que fazer, resolvi seguir a indicação do teste e optei por Administração no Vestibular de janeiro de 1984. Entrei para o curso, com enorme ansiedade e expectativa, mas as disciplinas eram demasiado técnicas para quem tinha curiosidades intelectuais: Administração de Material, de Pessoal, Organização e Métodos etc. Fiquei dois anos e meio, quando me mudei com armas e bagagens para a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Havia feito na FAFICH as disciplinas do Ciclo Básico (Filosofia, Economia,

Sociologia, Política), obrigatórias também para os alunos de Administração, e, então, minha atração pela História e as Ciências Sociais voltou a se manifestar, de modo que ao perceber que não desejava ser um Administrador a melhor alternativa passou a ser um curso da área de Humanas. Pensei na possibilidade de cursar Ciências Sociais, mas após examinar a grade curricular e assistir a algumas aulas tive certeza de que a História me apaixonava mais. Devo dizer que o fato de trabalhar em um Banco e tornar-me militante de esquerda pesou também na decisão de rumar para a Faculdade de Filosofia, então a mais politizada da UFMG. Comparadas aos áridos conteúdos do curso de Administração, as aulas de História se revelaram experiência extremamente prazerosa. Durante os primeiros semestres apenas aproveitei a satisfação de estudar algo que me fascinava, sem qualquer pensamento voltado para o exercício profissional.

**Sæculum:** Quais aspectos o senhor considera marcantes no processo de sua formação em História?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** Vou responder à pergunta explorando dois pontos. De um lado, foi importante ter estudado nos anos 1980, época de grande ebulição política: movimentos sociais explodindo, o aprendizado das greves (perdi meu emprego de bancário na greve de 1986), a Campanha das Diretas Já, a Constituinte e o debate que ela provocou, sobretudo nos meios mais politizados e intelectualizados. Foi um período rico de aprendizado para uma juventude que saía dos anos do regime autoritário, quando o Estado procurou fechar os canais de participação e impedir o debate político. Eu tive uma infância e uma juventude totalmente despolitizadas, assim, adentrar naquele universo de militância e debate, que gerava grandes expectativas e esperanças no futuro, era muito fascinante. É verdade que muitas esperanças se frustraram, mas, ainda assim, esses anos de formação política e acadêmica foram muito marcantes para toda a vida. A militância estudantil foi de grande proveito para meu futuro profissional, pois aprendi a falar em público e tive a oportunidade de conhecer, precocemente, a máquina universitária por dentro.

O outro ponto que vale destacar refere-se ao embate acadêmico entre a Nova História e a perspectiva marxista, tema quente nos anos 1980. Naturalmente, eu me identificava com o marxismo, por razões políticas, sobretudo, embora não tivesse muito apetite pela leitura dos clássicos e fosse avesso a qualquer tipo de dogmatismo. Preferia ler os historiadores identificados como marxistas, Hobsbawm, Perry Anderson, Moses Finley, entre outros, em busca de inspiração. Alguns temas e abordagens da Nova História eu repelia, por considerar anódinos e submissos a modismos, mas, evidentemente, havia autores e pesquisas que abriam diálogos entre as duas “linhas”, como Carlos Ginzburg e Michel Vovelle, por exemplo. Para resumir, minha tentativa de tornar-me marxista não sobreviveu muito à “Queda do Muro”, e acabei por adotar perspectiva teórica mais eclética, embora continue me considerando uma espécie de socialista. Do ponto de vista da pesquisa, continuo interessado em temas que dialogam com a tradição marxista, como revoluções, organizações de esquerda, conflitos sociais, mas na análise de tais fenômenos incorporei categorias teóricas provenientes das correntes renovadoras, como imaginário e cultura política, que procuro compatibilizar com os temas clássicos da

**Sæculum:** Como se deu sua iniciação em pesquisa histórica?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** Minha primeira experiência foi como bolsista de um convênio entre o Arquivo Público Mineiro e a UFMG. O trabalho consistia em ler e arranjar documentos avulsos provenientes da Câmara de Vila Rica, e foi um aprendizado muito interessante. Foi o primeiro contato com o universo dos arquivos, o que me gerou um fascínio permanente. Ainda hoje faço questão de frequentar os arquivos e realizar parte da pesquisa eu mesmo, embora conte com bolsistas para ajudar no trabalho. De todos os momentos do trabalho do Historiador, o mais prazeroso para mim é o contato com os arquivos, que gera a oportunidade de encontrar documentos interessantes, e a esperança de produzir conhecimento novo. No trabalho como bolsista do APM, me familiarizei com a grafia típica do século XVIII, porém, tive dificuldade para lidar com a insalubridade dos papéis antigos. Além disso, meu interesse maior era investir na História Contemporânea. Por isso, saí do projeto no APM para assumir uma bolsa de Monitor e, logo em seguida, para desenvolver uma pesquisa com bolsa de Iniciação Científica do CNPq, em projeto desenvolvido em conjunto com a orientadora. Com a BIC eu pude encontrar minha vocação e paixão de pesquisa, que é trabalhar com a História Política Contemporânea. O trabalho foi sobre a campanha da Aliança Liberal em Minas Gerais, nas eleições de 1930, usando como fontes os discursos parlamentares e a imprensa da época. Minha orientadora foi Lucília Neves, que me deu muito estímulo e me ensinou procedimentos básicos de pesquisa. Depois ela me orientou no Mestrado também.

**Sæculum:** Qual motivação intelectual e acadêmica lhe conduziu ao mestrado em História?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** O Mestrado era opção natural para quem tinha gosto por pesquisa e estudos, e curiosidade intelectual. A atuação somente como professor não iria me satisfazer, e isso eu percebi quando comecei a lecionar, no último ano da graduação. Eu não sabia se estava suficientemente pronto para entrar na pós-graduação, mas a vontade de pesquisar era enorme, me preparei da melhor maneira possível. O desafio era que eu gostava de História Política, e, na época, estavam no auge a História Cultural e a História Social. Não se falava ainda em Nova História Política, de modo que muitos professores viam com maus olhos meu interesse por estudar instituições políticas, e pensavam que projeto com tal perfil deveria ser encaminhado para o Mestrado em Ciência Política. Porém, segui em frente e consegui entrar para o Mestrado em História, com um projeto sobre o MDB, partido das “oposições” no regime militar. A intenção foi cruzar uma investigação de orientação histórica, com olhar diacrônico, ao mesmo tempo em que analisava as relações do partido com a sociedade e os grupos organizados. A conclusão foi que, na segunda metade dos anos 1970, alguns emedebistas conseguiram estabelecer laços com os movimentos sociais então em ebulição, inclusive os chamados novos movimentos, se antecipando a uma tendência que aconteceria com mais intensidade

no PT, pouco depois.

**Sæculum:** Quais foram suas escolhas temáticas e teóricas para o doutorado?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** Nas pesquisas anteriores ao doutorado tinha privilegiado um viés clássico de história política, estudando instituições, partidos e grandes eventos. A partir do doutorado, entretanto, comecei a interessar-me por abordagens próximas à Nova História Política, com enfoque aberto à compreensão dos encontros e desencontros entre a política e a cultura. Daí ter começado a adotar noção mais abrangente do campo da política, que alguns autores preferem chamar “do político” exatamente para realçar a ideia de expansão das fronteiras tradicionais desse campo para novas direções, que incluem, por exemplo: discursos, representações, imaginário, símbolos, iconografia, entre outras possibilidades. Devo deixar claro, porém, que ao adotar conceitos e abordagens da nova história não abandonei o estudo dos temas clássicos. Compreender o papel dos atores e a dinâmica das instituições políticas continua importante, e tal trabalho pode ser enriquecido com a utilização de novas perspectivas e aportes teóricos. Assim, o estudo do imaginário ou da iconografia política, por exemplo, nos ajuda a compreender melhor os processos de construção dos aparatos de dominação, e de disputa pelo poder. E o olhar apontado para a outra direção é igualmente fértil: a atuação dos agentes políticos, os conflitos que eles promovem têm impacto sobre a construção de representações políticas.

No momento de elaborar o projeto de doutorado estava decidido a enveredar por algumas trilhas novas, mas tive dúvidas quanto ao objeto a ser focado. Inicialmente pensei em dedicar a tese ao Partido Comunista, que pretendia abordar lançando mão da categoria cultura política, mas alguns percalços me levaram a mudar de ideia. Tive então um *insight* feliz: por que não estudar o “contrário” do comunismo, o anticomunismo? Procurei na bibliografia disponível e fiz um levantamento inicial das fontes, chegando à conclusão de que a ideia era viável. Com a anuência da minha orientadora na USP, professora Suely Robles, meti mãos à obra e acabei realizando pesquisa de grande fôlego, que resultou no trabalho *Em guarda contra o perigo vermelho, o anticomunismo no Brasil*. O trabalho foi defendido em 2000 e transformado em livro dois anos depois. Acredito que a tese teve o mérito de investigar tema até então relegado para segundo plano, ou tratado de forma superficial pelas ciências sociais e a historiografia: o anticomunismo. Abordando esse fenômeno em duas manifestações principais – ações e representações – creio ter contribuído para melhor compreensão dos movimentos conservadores no Brasil, e seu impacto nos golpes autoritários de 1937 e 1964, bem como para perceber a importância das representações anticomunistas na montagem de longa máquina repressiva de natureza policial-militar. Com a tese, ajudei a construir uma percepção que é partilhada por muitos pesquisadores hoje, qual seja, os movimentos e as representações anticomunistas são fundamentais e indispensáveis para entender nossa história política recente, sobretudo o Golpe de 1964.

**Sæculum:** Quais suas expectativas profissionais e intelectuais quando do ingresso na docência de ensino superior?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** Foi com muita expectativa e ansiedade que comecei a lecionar no ensino superior, primeiro na UFOP, em 1991, e a partir de 1995 na UFMG. Antes disso eu fui por 2 anos professor do ensino médio (privado e público) e, embora tenha gostado da experiência, a entrada na Universidade foi uma satisfação. Em primeiro lugar, pelo nível de exigência das aulas e dos alunos, que me traziam maiores desafios, e pelo fato de lidar com alunos em idade mais madura. Por outro lado, a carreira de docente universitário abre possibilidades de trabalho e de pesquisa virtualmente ausentes no ensino médio. Naquela época, pelo menos, seria muito frustrante fazer pós-graduação e continuar como docente do ensino médio. Por falar nisso, não há como deixar de notar, e criticar, o fato da estrutura das carreiras docentes no Brasil acompanhar o elitismo e as desigualdades típicas do país. A distância entre a carreira do docente superior e a dos outros níveis (falo do serviço público) é enorme, um despropósito e um desestímulo ao ensino básico. Ao entrar na Universidade, a possibilidade de dar apenas 8 horas/aula por semana, com o resto do tempo livre para pesquisar e escrever, me deu a sensação de entrada no paraíso. Só não foi maior a satisfação porque minha entrada na Universidade coincidiu com a pior situação salarial em muitos anos e, com um mês de aulas, já estava engajado em greve que duraria uma eternidade, com os custos da reposição em período de férias. Ainda assim senti-me muito feliz e, pensando bem, no começo da carreira a gente tem mais tempo para pesquisar e ler, enquanto hoje os pareceres, reuniões, bancas e encargos de orientação tomam muito tempo.

**Sæculum:** Que atividades têm desenvolvido no ensino e na pesquisa junto a UFMG.

**Rodrigo Patto Sá Motta:** Entrei na UFMG na mesma área em que já lecionava na UFOP, História Contemporânea. Leciono sempre a disciplina referente ao século XX, que me atrai mais, por permitir melhor diálogo com meus temas de pesquisa. Nos últimos anos, de maneira intermitente, tenho oferecido disciplina optativa que tem despertado muito interesse nos alunos, e que abriu para mim novo campo de pesquisas. Refiro-me a um curso que aborda comparativamente as experiências ditatoriais recentes de Argentina, Brasil e Chile.

Na pós-graduação, normalmente ofereço cursos mais teóricos, pois acho que são mais úteis para os alunos. Assim, por exemplo, tenho dado cursos sobre História Política (a “velha” e a “nova”), discutindo conceitos como imaginário, cultura política, representações políticas, com o propósito de ajudar os estudantes a construir o arcabouço teórico-conceitual de suas pesquisas. Ainda na pós-graduação, ajudei a organizar e coordenei por muitos anos um Curso de Especialização orientado pelas opções teóricas da nossa linha, História e Culturas Políticas.

Quanto às atividades de pesquisa, seguindo as orientações teóricas já referidas, tenho me dedicado a objetos ligados à História política recente do Brasil: ditaduras, golpes, partidos, organizações de esquerda e de direita, agências de informação e repressão. Para essas pesquisas venho utilizando fontes diversas, como jornais

e outros impressos, documentos oficiais, mas também fontes visuais (caricaturas, cartazes e fotografias). No momento, concluí um trabalho de grande fôlego sobre o impacto do Regime Militar nas Universidades, que pretendo publicar como livro em breve. Para este trabalho pesquisei em arquivos diversos, no Brasil e nos Estados Unidos, e os resultados apontam para interpretação inovadora da dinâmica do Estado autoritário. No rol das atividades de pesquisa, vale a pena destacar meu envolvimento na organização de acervos documentais dos órgãos de repressão, como o DOPS/MG, em parceria envolvendo UFMG e o Arquivo Público; e também o arquivo da AESI/UFMG (Assessoria Especial de Segurança e Informações), entidade vinculada ao SNI nos anos 1970, cujos documentos estão agora abertos à consulta.

**Sæculum:** Qual sua opinião sobre o projeto de regulamentação de profissão de historiador?

**Rodrigo Patto Sá Motta:** Vou ser muito franco: eu sou a favor da ideia, mas não tenho grandes expectativas quanto os resultados a serem alcançados. Duvido que isso venha a mudar muito as coisas, como se uma alteração nos códigos legais implicasse imediatamente mudanças no mundo. Não é assim, sobretudo não funciona assim no Brasil, onde as leis não expressam decisões e situações de fato, apenas apontam os desejos do legislador, ou dos grupos que ele procura agradar. Sinto também certo desconforto com a regulamentação profissional por causa dos “ecos corporativistas” que ela pode evocar, e o risco de alguém se imaginar no papel de poder definir as pautas de pesquisa. Enfim, estou sendo bastante pessimista, tomara que a regulamentação traga bons resultados. Independentemente disso, e mais importante a meu ver, precisamos de mais investimento da nossa “corporação” nos debates sobre educação pública nos níveis fundamental e médio. Apesar do tom róseo dos discursos dos líderes políticos, e da melhoria de infraestrutura (computadores, livros etc.), a qualidade não está melhorando, e, associado a isso, a profissão de professor está cada vez mais vilipendiada, desprestigiada. É fundamental um movimento forte em defesa da educação de qualidade, mas com ênfase na formação e na carreira do professor. Os políticos não hesitam em gastar em obras e na compra de materiais e equipamentos, mas resistem em pagar bons salários, o que é indispensável para ter escolas decentes. E precisamos também pensar em como usar o nosso sistema de pós-graduação em benefício do ensino fundamental e médio.

